



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palla; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por J. Lima;—*A um cigarro*, versos, por Carlos Sertorio;—*Estudos litterarios* (*O anniversario de Balzac*), trad. de D. Guiomar Torrezão;—*D. Miguel, a sua familia e as camaras constitucionaes portuguezas*, (continuação), por Pinheiro Chagas;—*A rosa vermelha*, soneto, por E. de Almeida;—*O Diario*, conto, trad. de Lorjô Tavares;—*As nossas gravuras*;—*Os crimes elegantes*, romance, (continuação), por Gervasio Lobato;—*Creanças*, versos, por Magalhães Fonseca;—*Em familia* (*Passatempo*);—*A rir*;—*Um conselho por semana*; *A Marquiza*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*A actriz Lucinda do Carmo*; *Gustavo, o Escriba* (specimen das gravuras);—*A Indolencia*;—*Modas*;—*Tumulo de Virgilio*.

CHRONICA

Já chove, trovões, relampagos e tudo. Estamos no inverno.

Dentro em pouco, não haverá em Lisboa um só theatro fechado, nem fóra de portas um unico *chalet* aberto.

E é já tempo. Vossas excellencias, minhas senhoras, por muito que a poesia encante, devem achar se um quasi nada aborrecidas na intimidade salaia da natureza mãe.

As boninas, eil-as que tombam desfolhadas sobre a planicie, aonde a brisa do outono lhes dispersa as petalas sem vida, em quanto pela encosta das montanhas vem engrossando a torrente que ha-de afinal arrastal-as no turbilhão destruidor.

Com as boninas, tem de morrer, é certo, um vasto mundo d'esperanças; morre com ellas, é possível, um cahos de lindas coisas que em vossos espiritos viveram a curta vida das flôres (namoros, como se diz em prosa); mas, para que não padeça a lei eterna das compensações, leva o demonio o *lawn-tennis*, o *croquet*, o cha-

pellinho de palha, o pau ferrado, e, diga-se a verdade, vae bem servido o demonio.

Uma séca tanto *pic-nic*, tanta pesca, tanta recita por amadores distinctos! Morreu Christo na cruz para nos salvar, e ao cabo de dois mil annos iamos nós, sem



A ACTRIZ LUCINDA DO CARMO

salvação possível, morrer por nossa conta, de aborrecimento. Era o que faltava!

Tanto mais, que as estações campestinas cederam ha mais de um mez ás estações balneares, onde as coisas

se estão passando da maneira mais attentatoria para os bons costumes.

Pelo Tejo abaixo, desde o ancoradouro da *Feliz Destino* até ás visinhanças da barra, uma vertigem!

As mais galantes lisboetas, sem cuidado nenhum pelo futuro, abalançam-se a consentir que os olhares apaixonados dos seus *attachés* incidam curiosamente sobre os mais extraordinarios phenomenos de plastica.

Ha fatos de banho muito completos, é verdade; ha mesmo banhistas que entram nas ondas de *tournure* e sombrinha; mas cousa alguma evita que, penetrando o liquido a traçoieira flanela, cada qual, no fim de tudo, venha a mostrar se, pouco mais ou menos, como Deus é servido. Ora a natureza não foi do mesmo modo prodiga para com todos os representantes da nossa especie; ha uma desigualdade incontestavel na repartição dos encantos; altos e baixos; anomalias profundas; esquisitices.

A' noite, o *Club*. Acercam-se elles d'e'las, passam-lhes os braços em torno das cinturas correctamente espartilhadas, e, sem attenção nenhuma pelas observações das pessoas de idade, mães, tias, tutoras, eil-os perdidos no rodopio da valsa. Segundo banho, que, seja dito de passagem, justifica a necessidade de primeiro, como preceito hygienico.

—E' um appetite! dizem os ingenuos.

—E' um monstro! dizem os entendidos, os desengañados, os que estiveram de manhã na praia, sem mais intuito que o de saberem até que ponto é possível fazer a elegancia figura triste.

E não são poucos, estes ultimos. E valle a pena, diga-se a verdade. Não só porque é uma vergonha ignorar a gente coisas tão faceis de apprender, como tambem porque, sobre as areias do rio, dão se irrefutaveis demonstrações de que todos nós temos areia.

Ver e crer. Levantem-se amanhã cedinho, vão de passeio ás praias, e serão muito infelizes se não gosarem de algum trecho comico.

Paes amantissimos, decentemente vestidos de quinzena e chapéu fino, cahem das pranchas abaixo e furam gloriosamente as ondas, n'aquelle traje, pela simples casualidade de lhes ter falhado o pé, na occasião precisa em que prestavam a mão a suas filhas medrosas; velhas abominaveis, no ultimo periodo da rabugeira e da ratice, agarram-se aos banheiros, gemendo e berrando, n'uma furia só desculpavel em pessoas que já não teem coisa nenhuma onde se agarrem; Lovelaces em primeira mão, com o bello sexo á vista, fazem a praia petulantemente, como quem leva a consciencia limpa, telpudos, hediondos, em vestes que a natção exige, mas que a moral reprova, e pavoneando-se todos, em ar de quem pergunta:

—Ha por ahi quem resista a semilhante belleza?

Hão de-me dar licença para que eu diga ainda duas palavras sobre musica, que é uma arte muito decente, e que, por estes tempos, é sempre largamente cultivada. Assassinos!

No *Chalet-Club*, estabelecido em Pedrouços, na baraca do José Luiz, queimam-se de quando em quando fogos d'artificio, e, nas horas vagas, canta-se. E' verdade que sim: canta-se.

Lá o fogo, deixal-o; mas ao resto é que eu não posso deixar de referir-me, sem injustiça grave para com um cavalheiro muito sympathico que, na quinta-feira passada, ali fez ouvir a sua corda de tenor bem timbrado, se bem que levemente aspero no registro alto.

O sr.... não me lembra agora o nome, a pedido, executou, com acompanhamento de piano, a romanza de Verdi—*I Lombardi*.

Foi como se todo o auditorio estivesse realmente na Lombardia; ficou tudo lombardo! Tal foi a maneira por-

que o sr.... não sei como se chama, se sahiu do canto, que, ao perderem-se no espaço, longiquamente repetido^s nos montes da Outra-Banda, os ultimos dizeres da apaixonada romanza, digo-lhes apenas que estava tudo a rir. Tudo.

A musica de Verdi, pelos modos, farta-se de ter pilheria, mas, apesar de tudo, nunca o immortal maestro excitou de tal modo a gargalhada. O proprio executante, ao pronunciar a phrase final da inspirada composição, poz se a rir. Por signal, que n'essa occasião arrastou um quasi nada no registro alto. Férias, sete. Abotoou-se.

A sala do *Club*, como bem lembrou um dos directores, não tem condições acusticas de primeira ordem. O tecto é baixo, e tanto as portas como as janellas dão todas para a praia, que é muito desabrigada, e onde, portanto, as notas musicas são rapidamente apreheidas pelo vento, que as leva logo de tropel, o bruto.

Pois nada d'isso evitou que o sr.... sabe Deus quê, apenas se calou, fosse cumprimentado por todos, e pedidos de *bis*, e mais abraço d'este, e um aperto de mão d'aquelle.... Um delirio!

Os meus conselhos, em musica, não valem nada. D'outro modo, aconselharia o principiante a proseguir corajosamente na arte immorredoura do Gaspar da viola, já defunto.

D'essa massa é que elles se fazem.

Demonstrei, como sabia, que a chegada prematura do inverno não era agora para nós uma calamidade enorme. Tem, sobre todas, a vantagem de trazer novamente á capital a grande parte dos seus filhos que anda lá por fóra a fazer das suas.

O Valdez illumina a luz electrica. Todo. Desde a intimidade dos camarins, até á entrada da porta.

O theatro normal promette a mesma innovação, o que, tendo em vista as predilecções do nosso publico, deve ser agradabilissimo ás moscas.

Na Trindade, temos a Lucinda do Carmo, que é como quem diz—a Judic portugueza.

No infinito, que fica ali para os lados do Intendente, vae funcionar em breve o Henrique Diaz; estabelecer-se-hão, para o local, comboios a preços reduzidos.

O resto, consta dos cartazes.

Com estes attractivos, imagino que lhes não será difficil, a vocelencias, aproveitar o alarme das primeiras chuvadas, e vir para Lisboa conversar sobre modas, sobre equipagens, sobre *soirées* elegantes.

E' necessario, de resto, aproveitar as vias ferreas, onde vão brevemente realisar se levantamentos importantes, visto haver-se dado hontem o phenomeno inexplicavel de, durante todo o dia, não descarrillar comboio algum. Deve realmente haver desarranjo grave nas linhas.

J. LIMA.

A UM CIGARRO

Se podesse fazer do meu amor
O que faço de ti, queimal-o todo.
Atirando o depois ao esquecimento
D'um pantano de lodo,

Aspirando ihe assim a pouco e pouco
O inebriante gaz, como te faço,
Para depois o ver subindo sempre
Em espiraes no espaço,

Se eu podesse fazer do meu amor
O que faço de ti, cigarro, diz:
Ter desprezo de ti, que de ti gosto,
Não era mais feliz?

CARLOS SERTORIO

ESTUDOS LITTERARIOS

O ANNIVERSARIO DE BALZAC

(LUIZ ULBACH)

Haverá pouco mais ou menos trinta e sete annos que Victor Hugo e Alexandre Dumas, o primeiro collocado á direita do f-reiro, e o segundo á esquerda, conduziram Balzac ao Père Lachaise.

No ultimo volume dos seus papeis, publicado ha algumas semanas, o grande poeta refere que o sr. Baroche, ministro do reino, novo exemplar de Prudhomme, lhe dissera na egreja: — «Era um homem distincto!» Victor Hugo respondeu-lhe: — «Era um genio!»

De certo que o era, e eis ahi porque Balzac se isolou na sua gloria, não tendo escola, resultando d'esse facto, que aquelles que pretendem contigual-o, o diminuem e calumniam, tornando o solidario das audacias da sua impotencia.

Ultimamente, um critico queria que o author do *Lys dans la vallée* fosse responsavel das purulentas insanidades que ressaltam no lume do prelo, e um sub critico, o sr. Scherer, applaudia esse bello juizo.

Só falta a esses srs, para conseguirem formular uma opinião conscienciosa, lerem Balzac, estudarem-o e adquirirem o perfeito conhecimento do prefacio da *Comedia humana*. Balzac ficará sempre o mais celebre e o mais desconhecido dos romancistas de 1830.

*

Balzac, citando madame Necker, diz no seu prefacio:

«O romance deve ser o mundo aperfeiçoado.» Mas acrescenta: «O romance não seria nada, se na sua augusta mentira não fosse verdadeiro nos detalhes.»

De sorte que a verdade da observação, para Balzac, consiste em humanisar a visão sob um aspecto transcendente.

Será isto o objectivo dos myopes, ao descerem ao baixo nivel da verdade? Preault escreveu um dia um verso eloquentissimo:

«Tout homme a dans son cœur un cochon, qui sommeille»

Que especie de utilidade ou de interesse haverá em acordar o porco, e em vel o refocilar no chiqueiro?

Mas em todos os homens existe tambem um heroe inconsciente, que requer o seu quinhão na vida, a manifestação exterior da sua individualidade.

Balzac não transigia nunca com a animalidade, sem fazer irradiar na mesma zona um grande character, um consolador heroismo, uma virtude excepcional. O peregrino artista amou a humanidade, como ella deve ser amada.

E' por isso que Balzac se envaidecia das irreprehensíveis mulheres creadas pela sua fantasia. Vemol-as desfilarem no seu prefacio, e ouvimos o nomear-nos com orgulho: Pierrette, Lorrain, Uroule Mironet, Constance Birotteau, la Fosseuse, Eugénie Grandet, Marguerite, Cloé, Pauline de Villenoix, madame Jules, madame de la Chanterie, Eve Chardon, mademoiselle d'Esgrignac, madame Fermiani, Agathe Rouget, Renée de Maucombe, etc.

Depois de citar os nomes de alguns homens, seus protagonistas, Balzac conclue:

Não resolverão estes e muitos outros o difficil problema litterario, que consiste em tornar interessante um p. rsonagem virtuoso?

*

Eis toda a poetica de Balzac. Recordam-se de quem elle a assimilou? De Walter Scott. O grande escriptor refere-o, proclama-o, e afirma que o genial novelista inglez é a personificação do *trouveur* moderno. A sua ambição é igualal-o em França.

Balzac, porém, catholico por temperamento e por convicção litteraria, ainda mais que por convicção religiosa, declarava que Walter Scott era relativamente falso na pintura da mulher, visto que os seus modelos eram *schismaticos*.

«A mulher protestante, escreve elle, não tem ideal. Póde ser casta, pura, virtuosa, mas o seu amor sem expansão, será sempre tranqullo e methodico, como um dever cumprido... No protestantismo, não ha nada possível para a mulher, depois da culpa: ao passo que na egreja catholica, a esperança de perdão torna-a sublime. Assim, não existe para o escriptor protestante senão uma unica mulher, em quanto que o escriptor catholico acha uma mulher nova em cada nova situação...»

Não se deduz d'esta definição que os romancistas devam fazer intervir a religião nas suas obras, sob uma forma apparente. Não! O proprio Balzac não o fez. Mas a essencia catholica, isto é a paixão, luctando contra o dever e confiando no perdão pelo heroismo do arrependimento, deve ser o germen do actual romance.

Alfredo de Vigny escreveu nas suas notas: o romance nasceu da confissão, e Michelet, alludindo a Manon Lescaut, dizia: «é um romance catholico.»

Em seguida a Walter Scott, os romancistas inglezes, como Thackeray e Dickens, desdobraram um pouco o envolvero protestante que enclausurava as heroínas dos romances. Fizeram-se catholicos litterarios.

Desejaria que os nossos naturalistas lhe seguissem o exemplo, com o que muito lucrariam.

A parte moral da mulher, a sua educação, a influencia mystica que actua, em um determinado momento, sobre todas as meninas, são totalmente desdenhadas.

As aventuras não passam de historias de temperamento.

Balzac não descurava o sangue das veias e a fatalidade dos nervos; mas não esquecia que em todas as mulheres, dignas de analyse, vibra uma reminiscencia, uma inquietação, um remorso, uma sede de ideal.

Eis porque o grande analysta creou tantas heroínas, singularmente verdadeiras, que nos commovem pela miseria da sua fraqueza, e que nos exalta pela sublime força da sua virtude.

A theoria da consciencia da mulher constitue a gloria da França litteraria. E o que resta do genio de Racine, é o que resume a superioridade de Marivault, foi o que attrahiu para o culto de Balzac tantas devotas, além dos entusiasticos applausos dos homens, seus contemporaneos.

*

No tempo de Balzac, a palavra *naturalismo*, que é ilogica, visto que não se applica senão aos pintores da animalidade, sem humanidade, não se tinha ainda inventado; mas, em compensação, empregavam-se definições menos absurdas, contra as quais o eminente romancista se defende.

«Vendo-me agrupar tantos factos e pintal-os como elles são, escreve Balzac, baseando-me sobre a paixão, como elemento fundamental, algumas pessoas imaginaram, sem motivo, que eu pertencia á escola sensualista e materialista, duas fases de uma só absorpção:—o pantheismo.»

Foi a esse respeito que Balzac declarou, que, na sua opinião, o romance deveria ser o mundo aperfeiçoado.

O grande observador demonstra-nos, que em todas as scenas da vida privada, da vida da provincia, da vida parisiense, da vida politica, da vida militar, da vida campestre, subsistiu fiel á sua profissão de fé.

A proposito d'esse admiravel romance dos *camponeses*, inedito ainda na occasião em que Balzac escrevia o prefacio, e, sem contestação, o mais perfeito de todos os quadros que até hoje tem reflectido a raça de que descendemos, Balzac escreveu:

«As scenas da vida campestre, são, de alguma sorte, a noute d'este longo dia, se me é permitido classificar assim o drama social. N'esse livro acham-se os mais puros caracteres, e a applicação dos grandes principios de ordem e moralidade.»

Vê-se por estas citações, quanto é necessario poupar á gloria de Balzac cumplicidades, que uma presumptuosa ignorancia pretende attribuir-lhe.

Era facil outr'ora dizer-se a proposito de todo o mal que se fazia em politica e na vida social: quem tem a culpa é Voltaire! quem tem a culpa é Rousseau!

Não deixemos que se acredite esta banalidade, a proposito de romancistas que exorbitam: — Quem tem a culpa é Balzac!

Não, os grandes escriptores, os mestres não teem discipulos. Onde existem os discipulos de Shakespeare, Dante e Molière?

Os que nós conhecemos, Lamartine, Balzac, Victor Hugo, não tiveram e não terão nunca discipulos.

Peço que inscrevam no pedestal da estatua que Paris ha de levantar um dia a Balzac, a divisa de madame Necker, adoptada pelo author de Eugénie Grandet:

O romance é o mundo aperfeiçoado!

*

Desejando extrair alguns fragmentos do prefacio da *Comedia humana*, abri o primeiro volume do meu exemplar, e achei uma carta de Balzac, que sua irmã lhe dera, que suppunha inedita, e na ingenuidade da qual transluzem a energia, a vontade, a illusão, a chimera e os habitos inveterados d'esse grande idealizador.

Balzac sonhara com a descoberta de um thesouro na Corsega. Os biographos alludem a essa utopia, que inspirou a Alexandre Dumas o episodio dos thesouros de Monte Christo.

Balzac queria a todo o transe descobrir o seu thesouro. Partio com pouco dinheiro, e de Marselha escreveu a sua mãe a carta que copio:

«Marselha, 20 de março.

«Minha querida e terna mãe adorada, não se inquiete e diga a Laura que não tenha cuidado em mim. Bem bastam os meus cuidados, a despeito da sabedoria com que diligenciaio evital-os. Cinco noutes e quatro dias na imperial da diligencia! Tenho as

mãos tão inchadas, que mal posso segurar na penna! A'manhã, quarta feira, em Toulon; quinta feira parto para Ajaccio, onde chegarei sexta feira; oito dias bastarão para a minha expedição. Poderia transportar-me d'aqui para a Sardenha, pela modica quantia de 15 francos, mas perderia 15 dias, além de estarmos no equinoxio. Agora, que vou encetar a minha tarefa, assaltam-me mil duvidas. Em todo o caso, não se pode arriscar menos para se obter tanto.

Não dispendi senão dez francos pelo caminho, e estou em um hotel que mette medo; emfim, com o auxilio dos banhos, espero ir vivendo, e se me succeder algum precalço, bastar-me-bão tres ou quatro noutes para restabelecer o equilibrio. Em um mez terei junto muito dinheiro com a minha penna.

Adens, querida mãe adorada; acredita que ao tentar esta empreza, predomina em mim muito mais o desejo de poupar sofrimentos ás pessoas que me são caras, do que ambição pessoal. Quando não se possui um capital solido, não é possível tentar adquiril-o, senão pondo em pratica idéas semelhantes áquella que vou seguir.

Todo teu, teu filho respeitoso.

«Honore.»

Chamo a attenção dos amadores para este autographo, quando se realizar a venda dos meus papeis, em seguida á minha morte. Afigura-se-me que esta carta, (embora a familia Balzac a tenha já publicado), é o melhor fecho para a minha chronica sobre esse genio positivo e scismador. Toda a sua obra assemelha-se a essa expedição: uma viagem penosa, com illusões encantadoras e evocações commoventes, para se conquistar um mundo aperfeiçoado.

Balzac procurava a riqueza em emprezas que não tinham a menor relação com o seu dever de observador. Sacrificava-se pessoalmente, mas não sacrificava os seus romances, e se esperava adquirir muito dinheiro, vendendo-os, nem por isso transigio com os vicios dos seus leitores, nem collocou a medida do seu talento no estalão das suas edições.

GUIOMAR TORREZÃO

D. Miguel, a sua familia e as camaras constitucionaes portuguezas

IV

Como dissemos, o projecto apresentado á sancção da camara dos pares pela commissão da mesma camara, não foi approvedo sem alterações.

Algumas fóram puramente de redacção e absolutamente insignificantes. Houve porém uma muito importante que restabeleceu na lei a clausula de se equipararem na punição D. Miguel e os seus descendentes, no caso de entrarem no territorio portuguez, ou de se approximarem d'elle.

A sensata alteração da camara dos pares foi regeitada pela camara, e n'esse ponto restabeleceu-se o projecto tal como veio da camara dos deputados.

Concorreu muito para que se tomasse essa resolução a insistencia do duque de Palmella, presidente do conselho de ministros, que entendia que seria de mau effeito supôr-se a possibilidade de virem a residir os descendentes de D. Miguel no territorio portuguez. Lembrava a lei ingleza que banira os Stuarts, e que e tivera em permanente execução até á morte do ultimo descendente d'essa familia, etc.

Parece porém que nem o duque nem os outros legisladores que se oppozeram á sensata deliberação da commissão, viram que ninguém quizera admittir os descendentes de D. Miguel no territorio portuguez. A commissão mantinha escrupulosamente os artigos 1.º e 2.º, em que se declarava que os descendentes de D. Miguel estavam completamente excluidos do direito de successão e que os mesmos descendentes estavam banidos do territorio portuguez. O que a commissão entendeu que era dispensavel, era fusilar dentro de vinte e quatro horas, depois de um processo verbal e summarissimo, por sentença de um conselho de guerra, um filho de D. Miguel que tivesse a veleidade de vir ver o seu paiz, ou antes a terra de seu pae.

Mas, dir-se-ha, pois não era tão perigosa, quando estava tudo aindarevolto, a vinda de D. Miguel como a vinda de um filho seu? Note-se porém que quando se promulgou esta lei, D. Miguel nem tinha filhos, nem casa sequer. E muito pouco contavam os dignos pares e os illustres deputados e os sapientes ministros com a solidiez das instituições liberaes, se receiavam que um filho ainda então meramente hypothetico de D. Miguel, e que effectivamente só nasceu d'abi a 18 ou 19 annos, podesse abalar-as tão fortemen-

te que nada se remediaría senão com o fuzilamento summario do juvenil criminoso.

A melhor critica da disposição da lei que a camara dos pares decidio que se mantivesse, está no facto de não ter sido cumprido. Cincoenta annos depois d'estes acontecimentos vieram a Portugal um filho e uma filha de D. Miguel. O governo soube-o perfeitamente. Que havia de fazer? cumprir a lei? Era realmente impossivel. Seria perfeitamente ridiculo mandar fuzilar o principe D. Miguel, que limitou a sua acção politica em Lisboa a dar um passeio de caleche á roda do palacio da Ajuda, onde por um acaso singular estava n'esse momento a janella seu primo, o sr. D. Luiz, que reconheceu perfeitamente o seu competidor. Mais absurdo seria fuzilar a princeza D. Aldegonda, que vinha a Lisboa cumprir um dever sagrado e tratar de seu marido que em Lisboa adoeceira.

Então o que havia a fazer? Não cumprir a lei e intimar simplesmente o principe e a princeza a que saíssem de Portugal? Mas isso seria a mais flagrante violação que se podia imaginar de uma lei existente e em pleno vigor. O unico recurso que houve foi fingir-se que se não sabia da estada em Lisboa d'estes dois principes. Ignorou-se que era filha de D. Miguel a sr.ª condessa de Bardi, e respeitou-se escrupulosamente o incognito que D. Miguel ainda tivera a bondade de assumir. E ahí está o resultado da insistencia do duque de Palmella, e da votação da camara dos pares.

Ora o artigo 5.º, proposto pela commissão, e que a camara eliminou, era o unico razoavel. Como os leitores sabem, esse artigo limitava-se a authorisar o governo a applicar ou não aos descendentes de D. Miguel, que, violando a lei, entrassem em Portugal as disposições rigorosissimas que a mesma lei consignava. Assim, armado com esse artigo, quando o principe D. Miguel esteve em Lisboa, o governo intimava-o simplesmente a lembrar-se de que havia uma lei que o bania de Portugal, e a ter a amabilidade de sair dentro de vinte e quatro horas do territorio portuguez.

Como a camara dos pares eliminou o artigo 5.º, e como a commissão já eliminara o artigo 7.º, que era o que punha a premio a cabeça de D. Miguel, a proposta de lei que saíra da camara dos deputados com oito artigos, voltou para lá com seis.

A mensagem com o projecto de lei emendado, foi enviada á camara dos deputados a 13 de novembro, sendo assignada pelo vice-presidente, Francisco Trigo de Aragão Morato (porque o duque de Palmella, presidente, era então ministro) e pelos secretarios, conde de Lumiares e marquez de Loulé.

A camara dos deputados devia ter uma certa difficuldade em engulir as emendas radicaes que a camara dos pares fizera no seu projecto, e até as lições de grammatica que lhe dera, mas o projecto fóra redigido e votado em dias de exaltação que já serenára, e muitos dos votantes reconheceriam as incongruencias do projecto ferocissimo que na camara se elaborára. A commissão tomou por pretexto a urgencia da publicação da lei, e o projecto, vindo da camara dos pares, foi votado sem alterações no dia 11 de dezembro.

No dia 18 de dezembro o barão de Renduffe, presidente da camara dos deputados, levou á sancção regia a lei relativa a D. Miguel, que foi logo assignada pela rainha, referendada pelo bispo-conde, D. Fr. Francisco de S. Luiz, o famoso cardeal Saraiva, e publicada emfim com a data de 19 de dezembro.

Segundo o que se resolvera nas duas camaras, levantou-se auto da votação d'esta lei, que foi assignado na camara electiva por 107 deputados, dos quaes só vivem o sr. Antonio Luiz de Seabra, hoje visconde de Seabra, e o sr. Basilio Cabral Teixeira de Queiroz, hoje par do reino, se nos não engana uma semelhança de nome, na camara alta por 33 pares do reino, dos quaes um ainda vive, que é o sr. marquez de Ficalho.

E' curioso que D. Miguel deixasse passar sem protesto especial esta lei, elle, que protestára logo que chegára a Genova contra a convenção d'Evora Monte, que protestou depois em Roma, a 14 de maio de 1835, contra a lei de 15 de abril do mesmo anno, que authorizou o governo a pôr em venda os bens nacionaes, e que no dia 1 de janeiro de 1836 protestou de novo contra tudo o que se passava em Portugal.

E' que as convulsões por que estava passando o reino no seu laborioso noviciado constitucional, tinham dado a D. Miguel a esperanza de tornar a assenhorear-se do throno portuguez.

A revolução de setembro, sobretudo, como era naturalissimo, levantou os animos dos miguelistas, que suppozeram que, entrando Portugal n'um periodo de anarchia, ser-lhes-hia facillimo apparecerem como o *tertius gaudet* no meio da lucta que ia travar-se entre as duas fracções do partido liberal.

Brotaram guerrilhas em diversos pontos do paiz, e o miguelismo julgou que ia ter em Portugal a sua Vendéa, mas Vendéa muito mais feliz do que a franceza.

A abolição da Carta, sobretudo, decretada pelos revolucionarios de 9 de setembro, fizera com que os miguelistas julgassem que metade da sua obra ia ser feita pelos proprios liberaes, e que eram elles que iam aplanar o caminho por onde D. Miguel tinha de voltar.

Levantaram-se guerrilhas por todos os lados, guerrilhas que proclamaram D. Miguel rei de Portugal.

Este movimento inquietou gravemente o governo, nem po- lia



Gustavo, o Estroina - SPECIMEN DAS GRAVURAS

deixar de inquietal-o. Bastava lembrar que o partido miguelista, vencido graças a um conjunto de circunstancias felizes, á heróicidade de um punhado de bravos e ao talento de uns poucos de generaes, era ainda assim um partido que dois annos antes tinha incontestavelmente a maioria no paiz.

Contribuiu muito para o diminuir a intolerancia despotica do governo; mas a anarchia que principiava a lavrar com tanta intensidade no seio do partido liberal, não podia deixar tambem de affastar com desgosto os homens sensatos e ordeiros, que tinham estranhado o procedimento do governo de D. Miguel, e que não podiam deixar de estranhar agora igualmente o proceder do governo de D. Maria.

A in-pecnia absoluta do pretendente, e a falta de homens de talento que o aconselhassem e dirigissem, salvaram a liberdade n'uma das crises mais terriveis que ella atravessou.

Em vez de aproveitarem a abolição da Carta para luctarem no terreno eleitoral, e organisarem uma campanha dentro do terreno da legalidade, só levantaram guerrilhas em que os guerrilheiros se pareciam muito com os salteadores.

O governo mandou repetir a publicação da lei de 19 de dezembro, expediu circulares a 26 de outubro e 6 e 7 de novembro de 1836, recommendando energia no cumprimento d'essa lei; organisou por portaria de 26 de outubro os batalhões nacionaes, e mandou, por portarias de 29 de outubro e de 10 de dezembro, organizar com os estudantes de Coimbra, Lisboa e Porto, batalhões academicos para defenderem contra D. Miguel a causa da liberdade; por decreto de 10 de novembro mandou reorganizar os batalhões moveis do districto do Porto; por decreto de 25 de novembro mandou proceder a um recrutamento de 8.700 homens, e a 4 de março de 1837 estabeleceu-se o estado de sitio no Algarve e no Alemtejo, onde pullulavam as guerrilhas.

Por tudo isto se vê como o annuncio de um movimento preocupava seriamente o governo. Felizmente, aquella montanha enorme apenas deu á luz dois ratos: o Remechido, e a conspiração das Marnotas.

PINHEIRO CHAGAS.

A ROSA VERMELHA

Salut, reine des fleurs! Salut vermeille rose!

Embleme ravissant de pudeur et d'amour!

CHÉNEDOLLÉ.

A rosa branca disse ao sol dourado:
—Porque razão, meu astro bemfazejo,
Te escondes entre as nuvens, mal te vejo,
Como um sylpho nos bosques assustado?

—E' porque vivo aqui todo abraçado
Na luz do teu amor que tanto invejo,
E receio queimar-te... dá-me um beijo...
Um beijo só... um só... anjo adorado!...

E, sem dar tempo algum para que a rosa
Fugisse com a fronte perfumada,
Furtou-lhe um beijo á bocca graciosa.

Então a linda flôr, envergonhada,
Como a sombra da luz, e receiosa,
Curvou a fronte ao chão, fez-se encarnada!...

EÇA DE ALMEIDA.

O DIARIO

(DE ARMAND SILVESTRE)

Mal tocou em terra, arrastada pela maré e envolvida de espuma e sargaças, eu e Jacques precipitámo-nos para a praia.

Era uma especie de garrafa feita d'um chavelho e que resistia ao tempo na sua viagem atravez das ondas. Via-se que a garrafa tinha sido fechada escrupulosamente: a rolha estava enleada em muitas voltas de cordel, para evitar que a agua entrasse.

Abrimol-a. Lá dentro havia um grande numero de papeis, mettidos para ali a trochemoche—ordens de serviço, cartas particulares, relações de generos, o demonio.

Era evidente que, n'um memento critico da travessia, todos aquelles manuscriptos tinham sido arrecadados sem escolha, para que não se perdessem no naufragio.

—Que faremos nós a isto? perguntei a Jacques.

—Vamos ao commissario de policia, respondeu elle.

E partimos a caminho da cidade, carregados, ora eu, ora elle, com o precioso achado, que viera interromper o nosso delicioso passeio ao longo das dunas.

Soberba manhã aquella! O sol erguia-se, lá ao longe, no oriente, tingindo de côr de rosa o azul infinito. Parecendo despertar do seu grande somno profundo, o mar arfava em ondas largas: dir-se-ia a respiração lenta d'um cetaceo gigantesco...

O commissario de policia agradeceu a nossa delicadeza e convidou-nos para assistir á leitura de toda aquella papelada.

Como no gabinete se achava um amigo do dito commissario, decidiu-se que elle tambem nos coadjuvasse. Este velhote era professor, muito instruido, e chamava-se Pératé.

Começou, pois, o trabalho e cada um de nós lia em voz alta os papeis que lhe chegavam á mão.

Em breve se reconheceu que a garrafa fôra lançada ao mar de bordo do *Delirante*, o vapor que naufragara tres mezes antes, acossado por uma tempestade medonha, e cujos passageiros haviam perecido mesmo á vista das costas de França.

—Lá vinha entre esses infelizes a esposa do meu pobre amigo e collega Lantivessel disse com tristeza o velho Pératé. Coitada da senhora Lantivessel!

*
*
*

...Feriu-me o olhar uma lettra de mulher, fina e elegante, mas um pouco confusa e difficil de decifrar, lettra de pessoa que escreve para seu uso apenas.

Voltei algumas paginas e em seguida com'ci...

Era uma especie de diario como os que fazem em geral os passageiros, para conservarem para mais tarde uma lembrança de coisas idas. As folhas estavam rabiscadas de ambos os lados: a que as escrevera não pensava de certo que seriam publicadas um dia.

Ou faltavam ao diario as primeiras folhas ou a dama em questão só repentinamente se sentira atacada da necessidade de transmittir ao papel as suas impressões.

Julguem por este principio:

«12 de maio.—Como o Hipolyto vae ficar contente quando me tornar a ver! Seis mezes é um espaço de tempo longo de mais para se estar separado da pessoa que se ama. Pensará elle como eu? Anda sempre tão occupado com as lições, que... E as noites? Ail as noites! E' exactamente á noite que eu sinto mais a falta que me faz. Mas consola-me a idéa de que o meu pensamento lhe tem sido tão fiel como toda a minha pessoa.

«E entretanto fui muito requestada na America, onde o deixei muito bem relacionado. Palavra... nem uma unica vez pensei na possibilidade de o atraioar. Não ha grande merito no que fiz, porque afinal isso me não daria prazer algum.»

«13 de maio.—Li e toquei piano durante todo o dia: que deliciosa melodia de Adolpho David! Mas decididamente a musica enerva-me. Não sei que tinha hontem quando o sol se escondeu no horisonte. Que vermelho estava o ceu! e que sereno o mar! Mal elle tocou ao longe nas ondas, parecia que um ferro em brasa levantava do oceano mil vapores de purpura. A essa hora a briza tinha um não sei qué de acariciador que me perturbava a alma. Como que pairavam beijos no ar... Dormi mal. Hoje de tarde não vou para o convez e amanhã entreter-me-hei a bordar. O trabalho ha de acalmar-me. As chinellas do Hipolyto... Estou já na cabeça do papagaio. Nada: hei de bordal-as com fio dobrado. E' tão friorento o meu Hipolyto! No inverno enrosca-se todo na cama... Cabiamos bem n'uma réde, os dois... Pois se nós dormimos tão chegadoinhos! Hei de arranjar uma lá para casa.»

—Pobre Lantivessel suspirou o velho Pératé.

*

No diario faltava o dia 14.

«15 de maio.—O capitão veio perguntar-me se eu estava bem alojada no meu camarote. Pedi-lhe que me desse outro, distante do de uma ingleza que leva toda a noite a roncar furiosamente. O capitão prometteu fazer tudo que eu quizesse: é homem que me desagrada profundamente. Falla com aspereza aos marinheiros e fuma constantemente.

«Que differença entre elle e Hypolyto! A cabeça do papagaio está quasi prompta. Se vissem! Não lhe falta senão fallar. Oh! se elle fallasse, havia de repetir a palavra que tenho aqui no coração: Hypolyto!

«16 de maio.—Decididamente creio que o capitão me faz a côrte. Está arranjado o capitão! Fiz-lhe comprehender que sou uma mulher honrada e que amo meu marido. Não acceitei nem um dos seus presentes, excepto um doce de amendoas que me enviou delicadamente da sua meza. O doce de amendoas é o meu fraco. Havia um, magnifico, no meu jantar de nupcias. Representava a Universidade franceza triumphando do erro e da superstição. A idéa foi de Hypolyto. A cabeça da Universidade era feita



A INDOLENCIA

d'uma amendoa só, de doce, que depois trincámos, eu e elle, meu marido. Aquelle imbecil do Pératé foi nosso padrinho...

—Perdão, sr. Pératé!... não pude eu deixar de dizer.

—Póde continuar, replicou elle seccamente. Eu rio-me da opinião d'essa sirigaita.

E em voz baixa accrescentou:

—Pobre Lantivessel Casaste com boa lesma!

Faltam ainda os dias 17 e 18. Passemos ao 19:

«19 de maio.—Torna-se incandescente o capitão! Hoje fez scena, uma scena terrivel. Quiz despedaçar o meu bordado. Disse-me que ha-de bater-se com Hypolito. Pois veremos! Mas francamente, acho-o melhor quando está acceso em colera do que quando tranquillo. Os olhos d'elle deitavam chispas; tinhas os labios secos e vermelhos, deixando ver duas fileiras de dentes brancos. Estava realmente interessante! Deve ser assim em certos momentos... soberbo... Não sei como hei-de explicar-me. Na sua voz havia alguma coisa de assustador, que vibrava e comovia. Fiquei mais socegada quando me deixou. Tenho que defender e prevenir o meu Hypolito. Verdade, verdade, o meu Hypolito é muito prudente e não se expõe assim sem mais nem menos. O capitão tem duas cicatrizes na face, que não lhe dizem nada mal Disse-me que voltaria amanhã, mas eu não quero recebê-lo.

«20 de maio.—Final sempre o recebi, para evitar um escandalo. De que não seria elle capaz? Além d'isso elle é o senhor a bordo do navio: lá o diz o código da marinha. Como os homens são imprudentes! R. firo-me ao Hypolito, que me deixou partir só, unicamente para não perder os discipulos. A minha situação a bordo é insustentavel. Querem saber qual foi o «ultimatum» do capitão? Disse-me que se eu esta noite não... Pois bem; que a meia noite abrirá um furo no fundo do vapor e que toda a gente morrerá afogada no mar... Oh! meu querido Hypolito da minha alma! Pois não hei-de tornar a ver-te? E a pobre ingleza que ronca toda a noite e que tem quatorze filhos! E o capitão, o proprio capitão tão moço e tão cheio de vida! E todos esses marinheiros! E o meu papagaio bordado! Se os verdadeiros papagaios não sabem nada, imaginem o que succederá com os outros! Que fazer meu Deus? que fazer? Tenho a cabeça em fogo...

«21 de maio.—Passou a tempestade. O meu coração soce-gou... Salvei a tripulação...»

(Trad. de LORJÓ TAVARES).

AS NOSSAS GRAVURAS

A ACTRIZ LUCINDA DO CARMO

Ha pouco mais de tres annos, quando Lucinda do Carmo realisava no theatro do Gymnasio o seu primeiro beneficio, a pessoa que escreve estas linhas dizia da graciosa actriz o seguinte:

Legou-lhe Deus talento e graça e gentileza.
Um bello dia... zás! mandou-a p'r'o Gymnasio,
E disse lá de cima ao Pinto, da Empresa:
—Leopoldo que a aproveite em peças do Gervasio.

E assim foi que Lucinda, a pequenina fada,
Nos appar'ceu actriz na epoca passada.

Não trouxe atraz de si bagagem de rainha,
Diplomas em setim com arabescos de ouro;
A pobre da creança era modesta, e vinha
Fiada no talento, o seu melhor thesouro.

E foi assim que, á luz vivissima da scena,
Um dia se exhibiu gigante esta pequena!

Chegou, viu e venceu! Com genio e mocidade
Quem é que, em prelios taes, ahí não se aventura?
Depois, era gentil; sobre o frescor da idade,
Havia n'ella mais:—o dom da formosura.

Eis como despontou, no palco portuguez,
Quem faz talvez lembrar Manuela Rey... talvez!

Passados tres annos, podemos ainda dizer d'ella a mesma coisa, e muito mais, porque as revelações do seu bello talento teem sido numerosas e brilhantissimas desde aquella epoca.

Só nos enganámos n'uma coisa: Lucinda não deu uma outra Manuela Rey, porque o seu genio alegre e irrequeto não se amoldava ás ingenuas sentimentaes dos velhos melodramas; deu-nos uma Judic pequenina e com um flosinho de voz muito afinada,

mas emfim, nma Judic, desenvolta, graciosa, gentil. Como tal se revelou ha um anno, no theatro dos Recreios, e como tal acaba de apparecer ao publico da Trindade, na Mam'zelle Nitouche, alcançado uma ovação ruidosa.

O ROMANCE, «GUSTAVO, O ESTROINA.» (SPECIMEN DAS GRAVURAS)

Publicámos no nosso ultimo numero uma das numerosas gravuras dos *Sete Peccados Mortaes*, a immortal obra de Eugénio Sue, traduzida por Pinheiro Chagas e editada pela Empresa editora das obras illustradas.

Hoje apresentamos aos nossos leitores um specimen das bellas oitenta gravuras do magnifico romance de Paulo de Kock, *Gustavo, o estroina*, editado pela mesma empresa e primorosamente traduzido por Gervasio Lobato.

A INDOLENCIA

A gravura que hoje damos como brinde, é reproducção d'um quadro de Llovera, moderno pintor catalão de grande talento, que gosta de vestir os personagens das suas composições com o pittoresco traje hespanhol dos heroes e heroínas do Dois de Maio.

Não deve pois estranhar-se que *A Indolencia* seja representada no quadro de Llovera por uma *maja* d'aquella epoca.

O corpo esbelto e airoso da *maja*, repousa sobre o antigo camapé, em attitudo abandonada e languida; os seus labios entreabrem-se para deixarem exhalar essa respiração doce e compassada, que revela um espirito completamente isento de preocupações, e os seus dedos torneados mal seguram o lenço de rendas, quasi a cair no chão, sobre o tapete.

Vestindo-a d'aquelle modo e dando-lhe aquella attitudo, o artista soube tornar agradável a indolencia.

MODAS

Damos hoje um figurino de fatos infantis, e acompanhamo-lo das seguintes explicações, que facilitam a sua execução:

1.º—COSTUME para menina, em etamina azul clara e renda creme. Saia pregueada, guarnecida com um folho largo de renda. Longa véstia á Luiz XV, de abas cortadas, abrindo sobre um colete de renda. Cinto de surah.

2.º—TOILETTE para menina, em lã bege. Saia pregueada de pannos largos. Corpete de riscas, genero de jaqueta, com rebuços na parte superior e botões de metal, prendendo a parte inferior, que abre sobre um *plastron* azul claro. Cinto, golla e enfeites de velludo preto.

3.º—COSTUME para baby, em *nanzouk*, guarnecido na parte inferior com tres folhos de bordado inglez; o mesmo bordado enfeita o peitilho, a golla e os punhos.

4.º—VESTUÁRIO para menina, em lã azul marin. Saia á camponeza, franzida á roda da cintura; corpete de bico, abotoado na frente e coberto por uma *casquinha* Figaro, guarnecida com um galão de passamanaria. Golla pequena, cortada em bico ao centro, e abotoada ao lado.

5.º—FATO PARA MENINO. Blusa comprida de estoffo cinzento; saia pregueada em largos machos. Enfeite, formado por duas charpas de velludo, cruzadas; golla á militar.

6.º—TOILETTE para menina, em lã heliotropo lisa. Saia pregueada em machos muito largos. Corpete curto atraz, e de bico na frente, enfeitado com velludo preto. Uma tira de velludo, applicada em feitiço de *fichu*, guarnece o corpo. Grande laço de fita na parte inferior da saia.

O TUMULO DE VIRGILIO

Nenhum estrangeiro, nenhum viajante vae a Napoles, que não sinta curiosidade de visitar o tumulo de Virgilio e de prestar homenagem, por este modo, aos manes d'este homem celebre, embora seja muito incerto que tal tumulo, bastante destruido, seja na realidade o tumulo do poeta. O unico dos antigos escriptores, que poz isto em duvida, parece ser o celebre grammatico Aelius Donatus, que no anno de 354 viveu em Roma, e na vida de Virgilio diz que as suas cinzas, por ordem de Augusto, fôram trazidas a Napoles, e que no caminho por Puzzoli fôram enterradas: *Sepulta fuere in via Putcolana intra lapidem secundum* (cousa de duas milhas) o que refere o logar d'este monumento. Seja, porém, este o verdadeiro logar das suas cinzas, ou não, o que é certo é que attrahe a si, tanto os que sabem da relação de Donatus, como os que a ignoram; e é raro achar um dia em que ali se não encontrem visitantes, nacionaes e estrangeiros.

O tumulo não apresenta —como se vê na estampa— nada mais

OS CRIMES ELEGANTES

(Continuado do n.º 10)

X

O dr. Hermano

O medico estava á entrada do quarto.

Era um rapaz dos seus vinte e cinco annos, baixo, magro, muito pallido, de bucosinho loiro, de compleição franzina, que mais parecia uma mulher vestida de homem.

Muito timido, pouco habituado ainda a ser chamado para ver doentes, e muito menos para ver doentes ricos e opulentos como o conde de Sendim, o medico que o criado do conde trouxera, ao atravessar aquellas salas luxuosas, aquelles corredores atapetados, sentira-se logo comprometido; ao entrar no quarto e ao ver-se defronte de Antonina, radiante de belleza na sua desmanhada *toilette* de noite, ficou completamente embaraçado.

Era a primeira vez, coitado, que o pobre medico se via n'uma casa d'aquellas e em frente d'uma condessa, pois imaginou que aquella formosa mulher era a esposa do enfermo.

O dr. Hermano,—era este o seu nome—era um rapazito pobre d'uma das aldeias do Minho, filho d'uns modestos lavradores, que tinham gasto todas as suas economias em puchar pelo seu rapaz, em fazel-o gente.

Hermano era fraco, franzino, doente, e mais parecia um anemico nato e creado nas alcovas doentias de qualquer bairro insalubre de Lisboa, do que nascido e crescido ao ar livre dos campos, nas formosas montanhas do sadio Minho.

Ninguém diria, ao vel-o, que estava ali um minhoto, e no entretanto era-o; mas fraco de nascença, seus paes ainda mais o estiolaram á força de cuidados, de apapricos, de pieguices que não são muito vulgares na vida do campo.

Como o menino era doentinho, seus paes, que não tinham outro filho, de quem elle era o Al Jesus, quasi que o trouxeram até a puberdade embrulhado em algodão em rama.

Senhores d'uns modestos haveres, que comtudo lhes permittiam um certo numero de pieguices que aos pobres são vedadas, os paes de Hermano rodearam a sua infancia de cuidados extremos, que apesar da sua boa intenção, deram, como era natural, o effeito perfeitamente contrario d'aquelle a que se visava.

Em vez de passar a sua creancice a correr pelos campos, a receber quotidianamente esses salutaros banhos de ar e de luz, que teriam robustecido as suas debéis forças, Hermano estava annos e annos fechado em casa, mettido debaixo das saias da mãe, que tinha medo que o ar levasse o seu menino, enchendo quotidianamente o estomago de remedios disparatados e mal applicados, que um estúpido medico d'aldeia lhe receitava com profusão, primeiro porque não sabia mais, segundo porque o pae de Hermano lhe pagava bem as visitas, e arranjara ali o seu melhor freguez.

Por mais d'uma vez o pequeno Hermano esteve entre a vida e a morte: mas a natureza triumphou felizmente de todas as tolices do medico e o pequenito escapou de todos os remedios e chegou a homem.

Quando se approximava a idade de começar a fazer uma carreira, o pae de Hermano consultou-o sobre o que elle queria ser.

O rapaz, que não furava paredes, mas que via sempre ao pé de si, desde que se entendia, um medico, e que notava a consideração com que esse medico era tratado em sua casa,—consideração muito superior á que se dava a toda a outra gente—e que sabia os presentes valiosos que de sua casa o medico recebia, e as continhas caladas com que seu pae lhe pagava as visitas, apenas lhe perguntaram o que queria ser, respondeu logo, sem estar com uma nem duas:

—Quero ser medico!

Esta vontade do menino encheu de alegria o pae e a mãe.

—Medico! O Hermanosinho quer ser medico! exclamaram elles todos orgulhosos, como se essa vontade do pequenito fosse já a carta do seu curso.

E deduzindo d'essa resposta que seu filho era um rapaz muito intelligente, um talento, um grande homem, o pae e a mãe, radiantes com esse desejo, resolveram logo satisfazel-o.

E por toda a aldeia espalhou-se rapidamente que o filho do Simões ia ser medico, que o rapaz havia de ir longe, que havia de ser gente, e o pequeno começou logo a gosar d'uma consideração no sitio, como se estivesse já doutorado pela Universidade de Coimbra.

Entretanto, havia ainda uma coisa a decidir.

—O pequeno, fraco como era, poderia dar conta do recado? Não haveria perigo em mettel-o em tão altas cavallarias?

O medico foi, como era natural, o primeiro consultado sobre tão momentoso assumpto.

A opinião d'elle era facil de prevér.

—De modo algum! Os senhores estão doidos! Medico! Isso é matal-o. Para se chegar a ser medico é preciso saber muito! Eu que o diga! E' preciso queimar muito as pestanas! O pequeno pode lá dar conta d'isso! Antes de chegar ao primeiro anno, estava na cova com certeza!

Os paes do Hermano ficaram aterrados e desapontados com esta sentença do juiz mais competente.

E com todas as reservas, communicaram-n'a ao Hermanosinho.

O rapaz, porém, deu por paus e por pedras.

—Queria ser medico e havia de sel-o!

E teimou e tornou a teimar, com toda a insistencia com que uma creança teimosa, habituada a ver satisfeitos immediatamente todos os seus caprichos, teima a primeira vez que á realisação d'um desejo seu se apresenta qualquer obstaculo.

E a lucta entre a vontade do pequeno e a opinião do medico durou um verão inteiro, todo o tempo que mediu entre o exame d'instrução primaria—em que ficara approvado—e a matricula no lyceu.

Por fim, como era de prevér, a corda quebrou pelo mais fraco —pelo medico.

O pequeno triumphou.

Tanto batalhou com o pae e a mãe, que estes, ao verem chegar o tempo de levar seu filho para o lyceu, romperam com o medico e puzeram-se com o pequeno a caminho de Braga.

E não foi só a teima do Hermanosinho que lhe deu a sua victoria: concorreu tambem muito para isso, a natural vaidade que seus paes sentiam em ver o seu filho ser alguém, ser um homem celebre, em pensarem no dia em que, formado em medicina, o podessem apresentar á aldeia admirada e subjugar o outro facultativo, o tal que lhes tinha apanhado tanto dinheiro e que não queria que o pequeno fosse seu collega.

—O que elle tem é medo do rapaz! disse o pae.

—Já se vê, apoiava a mãe: a inveja, a inveja é que o faz fallar.

—Está bem de vêr! Elle sabe que o pequeno é intelligente e não quer que d'aqui a annos lhe faça sombra. Pois hade-lhe re-bentar a castanha na bocal!

—Olá se vade! confirmara a mãe.

E os dois em côro, exclamaram resolutos, como se entoassem um canto de combate:

—Vamos para Braga!

E foram para Braga.

* * *

O pequeno, espicaçado pela opposição do medico, estimulado pela guerra que elle lhe fizera ás suas pretensões, pela certeza que mostrava em que elle não dava conta de recado, lançou-se corajosamente, com toda a sua boa vontade, aos estudos dos preparatorios.

E por um lado essa sua applicação ao estudo, por outro lado os empenhos do pae, e por outro ainda, a falta de talento, que de ordinario é um grande elemento de successo nas escolas. —porque, como é sabido, em regra geral os grandes talentos são os que peor conta dão de si nos bancos das aulas, o Hermanosinho fez os seus preparatorios muito distinctamente, sem perder um anno sequer.

E' verdade que, durante esse tempo, enquanto os seus collegas passejavam, brincavam e se divertiam, o Hermano não sahia de casa, amarrado sempre á sua banca de estudante, decorando todas as lições com uma persistencia tenacissima, e que por isso mesmo, ao passo que os outros rapazes acabavam o curso sem distincções mas tendo gozado a sua mocidade, e começando já a possuir a sciencia do mundo, elle acabava os preparatorios distinctamente, mas tendo tanto conhecimento da sociedade, como tinha quando em pequeno estava acalafetado no seu quarto de doentinho—com os olhos completamente fechados a tudo que não fosse declinações latinas, figuras de rhetorica, e demonstrações de chymica elementar.

Findos os preparatorios, e vivo ainda,—já em contradicção com as lugubres prophcias do seu antigo medico,—tratava-se de o fazer entrar n'uma escola de medicina.

Qual d'ellas?

Ahi é que era preciso decidir.

Porto, Coimbra, ou Lisboa.

—Qual é a que faz doutores, doutores a valer? perguntou o pae Simões.

—Doutores a valer, só Coimbra, que é Universidade, disseram-lhe.

—Pois então não ha mais que pensar, o rapaz vae para Coimbra, que eu quero que elle seja doutor sem lhe faltar coisa nenhuma.

(Continúa).

GERVASIO LEBATO.



MODAS

CREANÇAS

Pequenas cabeças louras
Onde doudejam milhões
De chimeras sedutoras,
De phantasticas visões!

Abelhinhas buliçosas
De um enxame encantador!
Iriadas mariposas
Sugando da vida a flor!

Eu gosto de vós, creanças,
Pequeninos colibris
Que engastaes no ouro das tranças
Vossos craneos infantis!

Eu gosto de vós! Sois lindas
Como o céu, o amor, a luz,
E as harmonias infladas
De um canto que nos seduz.

Sois implumes passarinhos
Que, alegres sempre, chilraes,
E a quem Deus construiu ninhos
Sobre os seios maternas.

Sois as doces miniaturas
Da sociedade porvir,
E as vossas almas são puras
Como era o oiro d'Ophir.

Sois o incenso divino
Do lar—o templo do amor—
E o vosso corpo franzino
É como o caul' d'uma flor.

Sois sensitivas mimosas
D'uma inconstancia febril.
E os vossos sonhos são rosas
Em plena aurora d'abril

No azul da vossa pupilla
Vê-se a innocencia brilhar,
Como estrella que scintilla
Nos verdes plainos do mar.

Se murmuraes uma prece,
Julgamos rasgar-se o véu
Que Deus occulta—e parece
Vê-lo a sorrir lá do céu.

Se volitaeis irrequietas
Pelas aleas dos jardins,
Perseguindo as borboletas
Sobre as rosas e jasmins;

Vosso corpo tem tal graça,
Tão ageis sois todas vós,
Como a corça que perpassa
Na sua fuga veloz.

Nunca pende a vossa fronte
Absorta em triste scismar;
No azul do vosso horizonte
Não deixa o sol de brilhar.

Nessa ventura suprema,
A vossa infantil razão
Não medita no problema
De que a morte é solução.

Creanças! Oh! quem me dera
Transpor novamente o umbral
D'essa alegre primavera
Que não tem um vendaval!...

Gosto de vêr-vos! Comtudo
Sinto-me triste, ao scismar
Que essas almas de velludo
Um dia se hão de manchar.

Que ha de findar esse encanto,
Poluir-se essa innocencia
Lampejo divino e santo
Que hoje vos doira a existencia!

Que n'esses seios frementes,
N'esses doces corações,
Mais tarde, como serpentes,
Hão-de enroscar-se as paixões.

E quando o corpo for grande,
Será, talvez, mais pequena
A alma, que hoje se expande
N'uma alegria serena!

Das magoas a febre intensa
Virá, talvez, requeimar
O lyrio santo da crença
Que perfuma o vosso olhar.

E hão-de as pétalas celestes
Das rosas, que aroma espargem,
A ventanias agrestes
Do mal rojal-as á margem,

Creanças d'olhar tão puro
Vosso destino qual é?
Que lèdes vós no futuro,
O capitolio ou a galé?

Qual será vossa partida,
Da vida no correr lento,
O sol que aviventa e brilha,
Ou o eterno soffrimento?

Ireis sem rumo, sem norte,
Sobre as ondas d'este mar
Que leva ás plagas da morte
Onde a viagem vae flodar?

Ou, como audaz marinheiro
Que os tufões do sul não teme,
Ireis em barco veleiro
Tendo a ventura por leme?

Quem sabe o vosso destino
N'esta vida, que se esvâe
Ou como as notas de um hymno,
Ou como os carmes de um ai!

Vós sois felizes, enquanto
Não sulcar o vosso rosto
O fel amargo do pranto
Gerado em fundo desgosto.

Creanças! Oh! quem me dera
Transpor novamente o umbral
D'essa alegre primavera
Que não tem um vendaval!

MAGALHÃES FONSECA.

EM FAMÍLIA

(PASSATEMPOS)

Charadas novissimas

(EM ACROSTICO)

- mulher incommoda o homem—2—1.
- ◀ ma moeda, um animal e uma ave—2—1.
- ◀ io, appellido e pedra—2—1.
- ◀ rio, instrumento e insecto—1—1.
- ◀ ança no Indo este soldado—2—1.
- ◀ nsecto, instrumento e molestia d'animal—1—1.
- ◀ marisco corre no mirante—2—2.

Mensão.

JAQUIM AUGUSTO CORREIA.

Charada em verso

Eis aqui certo leito, meu amigo,—2
Que sómente no campo tu verás;—2
Se quizeres, vem já aqui commigo,
Que certa arvore logo acharás.

Covilhã.

ANTONIO R. BRANCAL.

Carta enigmatica

Retribuição ao ex.^{mo} sr. Matheus Junior

Qu'rida 13, 19, 6, 17, 3

13, 17, 22, 6, 12, 13 hontem em 5, 3, 7, 10—15, 3, 17 primas
25, 11, 6, 12, 13, 18—2, 23, 7 com teu mano 3, 11, 12, 16, 26 9,
o qual me disse que a 17, 6, 11, 12, 18, 4, 23—1, 25, 4, 7, 13 5,
10 vae brevemente 5, 10—7, 23, 2 com o 10, 11, 1, 26, 15 9—
12, 3, 7, 6, 25, 4, 6, 13, 11, 9, 14. Meu irmão 21, 1, 1, 9, 4, 14,
25, está muito pesaroso com isso.

10, 6, 4, 15, 21—4, 16, 9 me foi possível contar á 4, 25, 6,
12, 16 do 5, 21, 2, 11, 9, 17 a historia das 5, 3, 26, 22, 16, 7.

13, 7, 22, 16, 14 agora muito 27, 6, 17, 8, 4, 13, 22, 3. Teu
mano porém é muito 1, 16, 11, 11, 3, 15, 25, 2 e já me contou o
resultado do 24, 16, 18, 11, 13 das tuas primas 24, 13, 19, 11 13,
8. A bom entendedor.....

Tua 27, 13, 15, 6, 8, 3, 27, 21 amiga

Clem ntina

Faro.

M. CAROLINA C.

Logogripho

(Ao tenebroso Club dos Punhaes de Prata)

Talvez n'uma igreja.—6, 7, 1, 2, 3

Mas em Portugal.—1, 4, 3, 6, 7

Tal vasilha esteja.—6, 3, 1, 2, 7

Tem, creio, um signal.—6, 4, 3, 1, 7

Se peixe juntar.—6, 4, 5, 6, 3

Vé certo animal.—6, 7, 1, 4, 7

App'lido é vulgar.—4, 7, 1, 2, 3

Que é, dizem, p'rigoso.—1, 2, 3, 4, 1, 7

N'Oriente ha de achar.—6, 5, 1, 1, 7

Sendo venenoso,
Sou saboreado
Com extremo goso.

MATHEUS JUNIOR.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVI-SIMAS: — Voador — Luciano—Variola—
Emilia—Tamara.

DA CHARADA EM VERSO: — Massapão.

A RIR

Calino escreve uma carta a toda a pressa. De repente, volta-se para a esposa e diz-lhe:

—Olha, filha; para não perder tempo, enquanto eu escrevo, pega no lacre, cerra o envelope e não te esqueças de pôr o meu sinete.

Dois amigos que não se viam ha muito tempo e um dos quaes tinha casado havia pouco, encontraram-se um dia d'estes n'uma das ruas da Baixa.

—Com que então, seu ingrato, muda de estado e não dá parte aos amigos?

—Que queres... desculpa-me, tive tanto que fazer!—Mas para a outra vez, podes ficar certo de que serás dos primeiros.

UM CONSELHO POR SEMANA

PARA LIMPAR OBJECTOS DE COBRE

Agua.....	125 grammas
Acido sulphurico.....	30 "
Sulphato de alumina.....	70 "

Usa-se molhando um paño n'esta mistura e passando-o sobre os objectos.

A MARQUEZA

Viviam tão pobres, ali no alto da serra, que era mesmo um louvar a Deus como duas alminhas christãs podiam amparar-se assim uma á outra.

Isto diziam as visichas entre si. Mas o que ellas ignoravam é que entre as duas creaturas havia um amor profundo, como se não sabe sentir no campo. Aquelles desconhecidos, que viviam isolados no alto da serra, como uos extraordinarios Robinsons, que ninguem sabia dizer d'onde tinham vindo, amavam-se como nunca se vira amar n'aquelle sitio.

De certo que aquella gente virtuosa, do pé da serra, tinha em muita conta a fidelidade amorosa; estava isso nos seus habi- os simplicies e severos, na sua ingenuidade patriarchal; mas aquelle isolamento voluntario a que os dois se entregavam, intri- gava-os a todos.

E não era porque os dois mysteriosos habitantes da cabana do alto da serra fossem soberbos, eram até humildes: se elles eram simples pastores de cabras! Mas conhecia-se que não tinha sido sempre aquella a sua condição, já no fallar reflectido e correcto, á moda da cidade, já no donaire com que trajavam as vestes grosseiras de pastores.

Ella, principalmente, a companheira d'aquelle pastor singular, tinha um tal ar de distincção que encantava e fazia pensar nas senhoras da corte que os camponios viam ás vezes. Aquillo havia ali mysterio e grande. Ninguem, porém, se atrevia a decifral-o, mercê da magnifica espingarda de dois canos que o pastor trazia sempre em band.leira e com que fazia taes pontarias, que era de arripiar. Era preciso, portanto, muito cuidado com elle.

Mas a curiosidade não se dava por vencida e exercitava-se em toda a sorte de armadilhas para apurar a verdade sobre os desconhecidos.

Contava-se que o sr. padre cura sabia tudo e que tinha havido quem o visse a conversar com o intratavel pastor; mas isso era pedra em poço, porque ninguem se atreveria jamais a inter-rogar sua reverendissima. E contorciam-se de despeito os pacovios do sitio.

Eis que de subito, um caso imprevisto, inacreditavel rebentou como uma bomba sobre a freguezia. Um bello dia os echos das silenciosas e poeticas ruas da Arenosa foram acordados pelo estrepito de um cavallo, montado por um cavalleiro, inteiramente coberto de pó e que se dirigia apressadamente para a residencia parochial. Era de madrugada, e os camponios principiavam a sair das suas cabanas, encaminhando-se para o trabalho.

Horas depois, quando o sol se erguia radiante no seu carro d'ouro e luz, semeando a vida e a animação por toda a parte, o largo portão do presbyterio abria-se de par em par e por elle saiam dois cavalleiros: um era o padre cura, o outro o desconhecido.

Dirigiram-se a passo para o alto da serra e pararam junto da cabana dos singulares pastores. O mulhierio da freguezia estava deveras intrigado. Era a primeira vez que os seus olhos viam uma creatura humana dirigir-se para aquella cabana durante os longos dez mezes que os pastores ali moravam.

Uma hora depois saiam da cabana o padre e o desconhecido, e montando de novo a cavallo, desapareciam na estrada real.

Notou a população que, n'esse dia, o pastor não se importou absolutamente nada com o rebanho. Durante todo o dia ninguem o viu, nem tão pouco voltou o parochio.

Passaram-se oito dias de uma cruel expectativa para aquellas alminhas famintas de novidade. E o parochio sem apparecer.

Os pastores voltaram á sua vida bucolica, parecendo não ligarem importancia aos acontecimentos. E ninguem se atrevia a interroga-los.

Tanta perplexidade teve por fim um termo e bastante ruído.

No fim de oito dias, um estrondo espantoso de pesadas caruagens tiradas a duas parelhas, trens de viagem, poeirientos e bambaleantes de antiga fabrica, todos brazonados, penetraram na freguezia de Arenosa, com o seu caracteristico tilintar de ferros velhos, pondo em alvoroço toda a população.

Mulheres d'olhos abertos pelo espanto, vinham á porta em saias brancas, desmazeladas, empunhando as enormes colheres de pau com que estavam mexendo as papas de milho, ao lume.

Os carros atravessaram vagarosamente as duas unicas e estreitas ruas da freguezia, e por fim pararam junto do atalho que conduzia á cabana dos pastores.

Vinham dentro, o padre cura de logar e mais tres sujeitos e quatro mulheres, duas das quaes pareciam creadas. Toda esta gente trajava rigorosamente de luto, e os proprios criados tinham fumos nos chapéus.

Apearam-se todos com grande ruído de exclamações e principiaram a seguir corajosamente a encosta, guiados pelo padre e exclamando:

—Isto effectivamente é um verdadeiro caminho de cabras! Atraz d'elles, seguiam quatro criados, segurando cada dois d'elles uma mala.

Apenas iam fóra do alcance da voz, logo as mulheres do povoado, que rodeavam as carruagens, absortas de tamanha estadao, fraternisaram com os cocheiros e inquiriram d'elles se os pastores iam presos.

—Presos! que gente tão estúpida! responderam com largas gargalhadas os trintanarios.

E explicaram que os dois pastores eram, nem mais nem menos, do que dois namorados fugitivos. Ella era a gentil filha da marquezia de ***; elle um estudante de Coimbra. Mas ella era menor e só podia recobrar a sua independencia por morte da mãe: ora a mãe acabava de morrer, e por tanto a menina era a herdeira e senhora absoluta de dispor da sua mão, e por isso a vinham buscar.

—Mas como souberam que estava aqui?

—O padre cura é que o foi hontem declarar ao testamenteiro.

—Ahl

N'este momento, do alto da serra principiavam a descer os viajantes, e quando chegaram a baixo, as mulheres do povo não pederam susten o seu espanto. Os pretendidos pastores estavam inteiramente transformados. Ella, trajava uma elegante *toilette* de luto, que fazia realçar a sua maravilhosa belleza. Elle trajava, tam-

bem, com uma simplicidade encantadora. Nas suas physionomias brilhava a alegria e a mocidade.

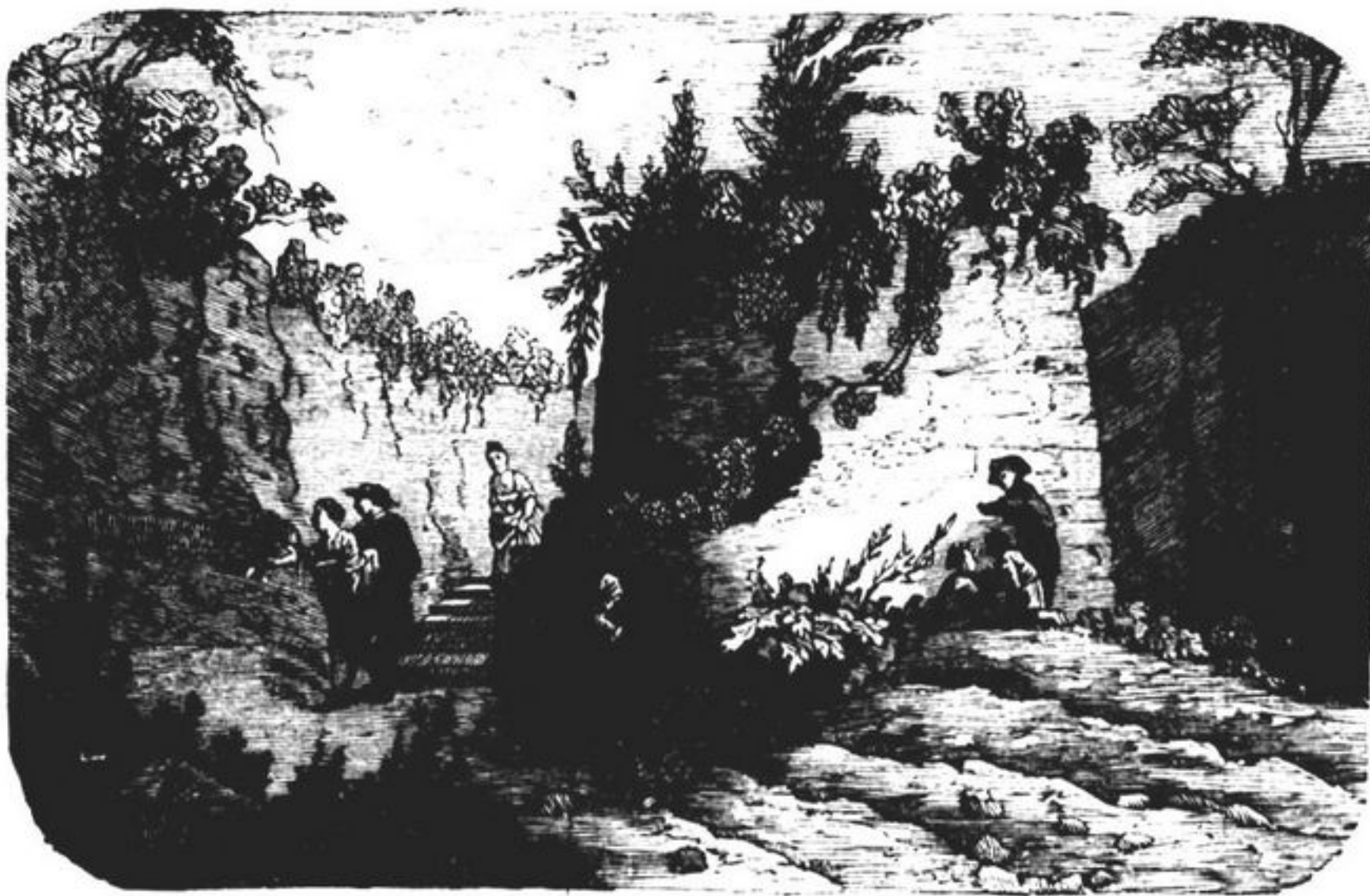
A' vista da joven marquezia, os creados descobriram-se immediatamente e só pozeram os chapéos quando ella entrou na sua carruagem brazonada, acompanhada das suas aias e das duas senhoras que a tinham vindo buscar.

Perante esta demonstração publica de respeito, não havia mais que duvidar, e por isso os camponios abriam a bocca até as orelhas, n'uma admiração formidavel.

Nunca se esquecem facilmente os logares onde fô nos felizes. Findo o luto, a joven marquezia quiz que o seu casamento se celebrasse na humilde igreja da freguezia da Arenosa. Foi um dia de jubilo para aquelle povo, porque a fidalga era generosissima.

Hoje, a marquezia é a madrinha constante de todos os pequerruchos que nascem n'aquelle logar: e todos os annos, quando ha romaria no sitio, a *cabana dos noivos*, como lhe chamam, é visitada com intima commoção por todas as raparigas «conversadas», que vão ali, cheias de curiosidade e de rissonhas esperanças no futuro.

JOSÉ MARIA DA COSTA.



TUMULO DE VIRGILIO

OBRAS DE PAULO DE KOCK

TRADUCÇÕES DE

Alberto Pimentel, Alfredo Sarmiento, Francisco Palha, Gervasio Lobato, Julio Cesar Machado, Luiz Augusto Palmeirim, Pinheiro Chagas, Urbano de Castro

GUSTAVO, O ESTROINA

Gustavo o Estroina, primorosamente traduzido por Gervasio Lobato, será illustrado com

80 MAGNIFICAS GRAVURAS

Para se calcular a extrema barateza d'esta publicação, bastará dizer que a obra completa custará apenas

600 RÉIS

Em seguida ao Gustavo, a empresa publicará o *Senhor Dupont*, traducção de Francisco Palha, illustrada com 100 gravuras e que apenas custará 800 réis.

A terceira obra será a *Donzella de Belleville*, traducção de Pinheiro Chagas, illustrada com 112 gravuras e que custará tambem 800 réis.

Depois d'estes romances, a empresa irá publicando successivamente toda a vasta collecção de PAULO DE KOCK, sendo todas as obras profusamente illustradas.

O formato da edição de PAULO DE KOCK é in quarto, em magnifico papel e em typo novo e muito legivel.

Cada folha de 8 paginas custa apenas 20 réis—cada caderneta semanal de 24 paginas, 60 réis—cada fasciculo quinzenal de 48 paginas, 120 réis.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em Lisboa e Porto a distribuição é feita em cadernetas semanaes, devendo o assignante pagar 60 réis no acto da entrega.

Nas Provincias, a assignatura é por fasciculos de 48 paginas, ao preço de 120 réis cada um, franco de porte.

As pessoas das Provincias que desejem assignar, deverão mandar a importancia d'um ou mais fasciculos adiantadamente.

Acaba de sahir o 1.º fasciculo, illustrado com 16 gravuras. Custo, 120 réis, franco de porte.

ESCRITORIO—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA